

Destecendo o narrador... retecendo a personagem em um percurso memorialístico dos perfis identitários de Aires e Nael

*Drawing the narrator.... returning character in a
memorialistic path of the identity profiles of Aires and
Nael*

Cristiane de Mesquita Alves¹

José Guilherme de Oliveira Castro²

Resumo: O artigo tem como finalidade apresentar a memória, da individual à coletiva, na perspectiva de Halbwachs, como um recurso narrativo responsável por justificar nas falas de Aires, neste estudo considerado narrador do penúltimo romance de Machado de Assis, *Esau e Jacó* (1904), e de Nael, narrador de *Dois Irmãos* (2000) de Milton Hatoum. Excertos que comprovam esses dois elementos dos textos literários em discussão, como os principais personagens dos enredos; não Paulo e Pedro, no caso da tessitura de Machado de Assis, tão pouco Omar e Yaqub no relato de Hatoum. Partindo-se dos conceitos de identidade teorizados por Bauman, Stuart Hall e Candau de que os indivíduos ao escolher os fatos, que irão compor a história, os narradores selecionam apenas os acontecimentos que são e/ou serão pertinentes e favoráveis a si, tornando-se na história de outros, seus protagonistas, e neste estudo, Aires e Nael são assim considerados.

Palavras-chave: Narrador; Personagem; Memória; Identidade.

Abstract: The article aims to present the memory, from the individual to the collective, in Halbwachs' perspective, as a narrative resource responsible for justifying in the Aires speeches, in this study, considered to be the narrator of the penultimate novel by Machado de Assis *Esau e*

¹ Mestra em Comunicação, Linguagens e Cultura na Universidade da Amazônia – Brasil. Doutoranda em Comunicação, Linguagens e Cultura na Universidade da Amazônia – Brasil. E-mail: cris.mesquita28@hotmail.com.

²Doutor em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Brasil. Professor Titular da Universidade da Amazônia – Brasil. E-mail: zevone@superig.com.br.

Jacob (1904), and by Nael, narrator of *Dois Irmãos* (2000) by Milton Hatoum, excerpts proving these two elements of the literary texts under discussion, as the main characters of the plot; Not Paulo and Pedro, in the case of Machado de Assis's tessitura, so little Omar and Yaqub in Hatoum's account. Based on the concepts of identity theorized by Bauman, Stuart Hall, and Candau that individuals in choosing the facts, which will compose history, narrators only select events that are and / or will be pertinent and favorable to themselves. In the history of others, its protagonists, and in this study, Aires and Nael are thus considered.

Keywords: Narrator; Character; Memory; Identity.

1. Introdução

Narrar é uma atitude- quem narra quer produzir certos efeitos de sentido através da narrativa. (MOTTA, 2013, p. 74).

Um dos elementos mais importantes para ser analisado dentro de uma narrativa é o processo de criação do narrador, principalmente, o narrador-personagem. Enquanto narrador-observador, assume o papel de demonstrar os acontecimentos da história, normalmente, por meio de um olhar externalizado e imparcial. Esse elemento do enredo, também chamado por Silva (2009) de narratário, é um destinatário intratextual do discurso narrado na história; ele conta, ele participa de uma forma da história seja de modo direto, seja indireto. O narratário deve representar “uma das articulações mediadoras da transmissão da narrativa- e possa apresentar também correlações diversas com o leitor. [...] todo texto narrativo exige uma voz narradora” (SILVA, 2009, p. 698), seja qual for a caracterização dela dentro da história. O narratário apresenta-se como uma “personagem, com caracterização psicológica, social [...] que pode desempenhar [...] a função específica de narratário ou acumular esta função com a de interveniente mais ou menos importante na intriga do romance. (Ibidem, p. 699).

No caso deste artigo, compreende-se que os narradores dos romances *Esaú e Jacó*³ e *Dois Irmãos*⁴ são intervenientes, pois contribuem para os desenvolvimentos mais importantes nas ações de intrigas. São eles que estabelecem as características e os juízos de valores de todas as outras

³ A partir dessa página em diante todas as vezes que se empregar o nome *Esaú e Jacó*, utilizar-se-á sigla E.J.

⁴ A partir dessa página em diante todas as vezes que se empregar o nome *Dois Irmãos*, utilizar-se-á sigla D. I.

personagens envolvidas nos enredos dos dois romances. Ademais, são eles também, os elementos das narrativas, que relatarão os fatos tais como eles aconteceram de acordo com os interesses de quem os narra, por mais que eles: Aires, em E. J e Nael, em D. I, utilizem, a priori, a história de outras personagens dos romances, para começar a destecer fatos que formarão seus próprios relatos, como acontece, por exemplo, na narração das histórias dos gêmeos. Em E. J, o narrador Aires é quem participa ao leitor as caracterizações de todas as personagens, como se pode perceber na descrição da leitura na íntegra do romance, entretanto, Aires só detalha aquilo que é do seu interesse, bem como ocorre com o narrador do romance D. I de Milton Hatoum.

Aires e Nael assumem dentro da descrição de uma narratário, a segunda conceituação de Silva (2009), a qual se alude à interveniência, ou seja, participam diretamente dos fatos, e são as suas vivências ao redor das personagens que compõem as tramas de E. J e D. I que são destecidas para o leitor, neste momento, pode-se atribuir outra acepção para Aires e Nael, além da de narratário- interveniente, também a de narrador- experiência já aplicada por Walter Benjamin. Para o filósofo alemão “o narrador retira o que ele conta da experiência: de sua própria experiência ou da relatada por outros. E incorpora, por sua vez, as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes” (BENJAMIN, 2012, p.217), nesse estudo, os narradores se apoderam de suas próprias vivências para narrar a história, bem como também, das histórias em que eles aprenderam com os outros, e agora está repassando para o leitor.

Por exemplo, em D. I, Nael, na juventude, ouvia bastante as histórias de dois velhos, seu avó, o velho patriarca da família, Halim e Domingas. Experiências narradas por seu avô, das quais Nael nunca esqueceu “Hoje, a voz me chega aos ouvidos como sons da memória ardente” (HATOUM, 2000, p. 51). Esta passagem confirma o quanto o narrador de Hatoum se semelha ao de Benjamin, por se valer das experiências, dos aprendizados, e da oralidade, haja vista o que Nael conta sobre seu avó foi por meio das conversas cotidianas que os dois tinham constantemente. Ainda em Benjamin, tem a assertiva que corrobora para esta análise do narrador, quando o filósofo acrescenta que a narrativa:

Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim, imprime-se na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. É uma inclinação dos narradores começar sua história com uma descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar a seguir, isso não atribuem essa história simplesmente a uma vivência própria. (BENJAMIN, 2012, p. 221)

Isso leva a compreender porque a participação dos outros é tão importante no momento do desenvolvimento do enredo de uma história que será contada. Além de Halim, outra personagem contribui grandemente para a existência desse narrador- experiência, que está sempre ouvindo, vendo, contando, e relatando a outros, o que viveu, esta é Domingas, mãe do narrador. Segundo ele, muitas histórias que ocorreram na casa e na família foram contadas a ele, por ela. “Isso Domingas me contou. Mas muita coisa do que aconteceu eu mesmo vi, porque enxerguei de fora aquele pequeno mundo. [...] Mas fui o observador desse jogo.” (HATOUM, 2000, p. 29).

O narrador presenciou todos os acontecimentos que se passaram na história e guardou na memória que “é a faculdade épica por excelência” (BENJAMIN, 2012, p. 227), embora muitos fatos, ele quisesse esquecer, mas não pôde, pois o que mais queria era saber de fato quem era seu verdadeiro pai, quem ele era, qual era sua identidade. “Cresci vendo as fotos de Yaqub e ouvindo a mãe dele ler suas cartas.” (HATOUM, 2000, p. 61).

Fotos, cartas, anotações de Yaqub, cenas presenciadas pelos escândalos de Omar, os conflitos que, muitas vezes, ele mesmo, o narrador viu e outras que ele mesmo por vontade própria não quis participar como “Eu não a vi morrer, eu não quis vê-la morrer” (Ibidem, p. 12), referindo a Zana, a matriarca da família libanesa, que era sua avó e nunca o assumiu como deveria; ou em: “Na velhice [...], ela repetiu isso várias vezes a Domingas, [...], e a mim, sem me olhar, sem se importar com a minha presença. Na verdade, para Zana eu só existia como rastro dos filhos dela.” (Ibidem, p. 35.).

Ou mesmo em leitura de sua mãe, Domingas, nas conversas com um dos gêmeos Yaqub, ou com o patriarca da casa, Halim. Pessoas que são lembradas pelo narrador para procurar quem de fato seria a portadora da verdade para que ele, Nael, soubesse de sua verdadeira paternidade. “Adiei a pergunta sobre o meu nascimento. Meu pai, sempre adiaria, talvez por medo” (Ibidem, p.133).

Enquanto em E. J, Aires, por meio de seus diários, suas anotações, apodera-se das experiências de todas as demais personagens para compor seu relato de experiências vividas, somado àquele “[...] invencível desejo de conhecer a vida alheia, que é muita vez toda a necessidade humana.” (ASSIS, 2002, p. 14), em que escrevia todas as suas ponderações verdadeiras ou não em seus cadernos.

Desse modo, o que se observa em Aires e em Nael é um narrador contando suas experiências, em busca de crescer e não viver como parte das histórias de outros, no caso, dos gêmeos. Essas experiências, muitas vezes, marcadas pelas lembranças como uma forma de não esquecer os acontecimentos coletivos vinculados, de certa forma, aos individuais (HALBWACHS, 2013) dão espaço à narrativa para a possibilidade de quem relata preencher as lacunas da memória, ao espaço das imagens inventadas, haja vista que não se tem como reestabelecer aquilo que já se viveu, relatando acontecimentos importantes a seu favor, valorizando-se não só como narrador, mas também, fazendo-se personagem mais importante na narrativa em que conta.

2. De narradores a também personagens

Os dois narradores em estudo são os interventores de todo o processo narrativo, cabendo a eles o poder de decidir o que contar, já que “na verdade, eu não “sou” nem uma nem outra dessas formas de me representar, embora tenha sido todas elas em épocas diferentes e ainda seja algumas delas, até certo ponto” (HALL, 2006, p. 8), a partir das formas de representação e das “identidades [que] flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta” (BAUMAN, 2005, p. 19), Aires e Nael por meio das memórias fracionadas narram os fatos dos romances fragmentados.

Em E. J, por exemplo, há 121 capítulos fragmentados, ainda é fundamental lembrar que o romance de Machado de Assis é proveniente dos diários do Conselheiro Aires, os quais o autor (aqui, considera-se a referência de autoria a Aires) chamou de Memorial, e que a história de Pedro e Paulo ficou na posição sétima dos cadernos do Conselheiro, bem como os fatos que o próprio

Conselheiro inventava para compor suas lembranças, de acordo com o próprio romance E. J, Aires: “Inventara tanta coisa no serviço diplomático, [...] própria ironia estava acaso na retina dele. O olho do homem serve de fotografia ao invisível, como o ouvido serve de eco ao silêncio.” [...] (ASSIS, 2000, p.p. 81-82).

A justificativa de que “O olho do homem serve de fotografia ao invisível, como o ouvido serve de eco ao silêncio.” (Ibidem, p.p. 81-82) leva a mais uma prova para se confirmar o caráter fragmentário do narrador de Machado de Assis. Posterior ao excerto acima, no capítulo XLIV. O salmão, de E.J, há outro índice para se corroborar a caracterização fracionária de Aires.

Também, análogo à ação de Aires- de inventar, de acrescentar mais pontos ao relato- foi o que Nael, narrador de D. I assumiu que o fez, como se comprova no fragmento “Eu me esmerava nos detalhes, inventava, fazia uma pausa, absorto, como se me esforçasse para lembrar até dar o estalo [...]” (HATOUM, 2000, p. 86), e quando as invenções não eram suficientes para explicar os fatos, Nael usava a própria memória para justificá-los, para ele “a memória inventa, mesmo quando quer ser fiel ao passado” (Ibidem, p.90) ou em “dessa vez eu não soube se era esquecimento ou pausa para meditar” (Ibidem, p. 56).

Relatos, depoimentos, experiências vividas ou inventadas serviram como uma forma de buscar “matéria nova para as páginas nuas de seu Memorial” (ASSIS, 2000, p. 86), indubitavelmente, foi o que mais o conselheiro Aires fez para poder reconstruir suas lembranças em E. J, tornando “a presença magnânima de Aires, autor-narrador metamorfoseado em personagem que por meio de seu duplo, ou *alter ego*, narra a história dos gêmeos Pedro e Paulo.” (BETELLA, 2007, p.18) dentro do romance, assim como acontece com Nael em D.I.

A partir de suas anotações nos cadernos, e sua dupla função na narrativa, dir-se-ia até em tripla, corroborando ao pensamento da citação da autora acima: autor- narrador- personagem; Aires se apoderou de todos os discursos e os inseriu em seu memorial, tornando-se “presença magnânima” (Ibidem, p. 18).

No caso do romance *D. I*, apresenta 12 partes fragmentadas contadas por uma única personagem que por meio de um discurso memorialístico também de presença magnânima (Ibidem, p.18), conta o que acontece com todas as demais personagens da história com o intuito de encontrar nas falas, nos gestos, nos acontecimentos do cotidiano da casa e da cidade onde morava, alguma informação precisa para resolver seu drama: saber de quem era filho.

Embora *D. I*, em uma leitura superficial a priori, dê a entender que é um texto que tenha seus personagens protagonistas, secundários e terciários definidos, seu autor escreve a história enveredando seu leitor a atribuir importância a todos, inclusive ao próprio espaço onde se passa a narrativa, quase um cortiço⁵ uma vez que os espaços da Cidade Flutuante, como no texto é frequentemente denominada Manaus, são relevantes na narração tecida por Nael. É ele quem era o incubido de vasculhar o centro da cidade, “entrei nas barracas espalhadas no porto da praça dos Remédios, nos pequenos restaurantes encafuados no alto dos barrancos, nos botecos do labirinto da Cidade Flutuante.” (HATOUM, 2000, p.92).

O espaço da cidade é um objeto de análise que concerne ao estudo das partes da memória coletiva do narrador e se torna como mais uma personagem que flutua na mente de Nael, em *E. J Aires* usou suas vivências e invenções; em *D. I*, Nael empregou suas experiências, o próprio espaço social de Manaus de sua época e seus conflitos e suas muitas opiniões em silêncio.

Como as “narrativas e narrações são dispositivos discursivos que utilizamos socialmente, em um contexto, de acordo com nossas pretensões. (MOTTA, 2013, p. 82). Essas pretensões são muito bem articuladas por Milton Hatoum e por Machado de Assis a favor de suas narrações, em Milton Hatoum quando se utiliza dos espaços sociais de Manaus para contextualizar as ações de suas personagens. No trecho abaixo, o narrador relata como ele vivencia a realidade social de Manaus em passeios ao lado de seu avô Halim. “Ele me

⁵ Alusão ao romance de Aluísio Azevedo *O Cortiço* publicado em 1890, em que “Aluísio atinou de fato com a fórmula que se ajustava ao seu talento: desistindo de montar um enredo em função de pessoas, ateve-se à sequência de descrições muito precisas onde cenas coletivas e tipos psicologicamente primários fazem, no conjunto, do cortiço a personagem mais convincente do romance” (BOSI, 2006, p. 190), assim como Hatoum faz da cidade de Manaus, em muitas cenas, como também personagem.

levava para um boteco na ponta da Cidade Flutuante. Dalí podíamos ver os barrancos dos Educandos, o imenso igarapé que separa o bairro anfíbio do centro de Manaus.” (HATOUM, 2000, p.120).

Também em Machado de Assis, percebe-se a contextualização histórica para se referir ao espaço político-social brasileiro no período de transição: Império versus República.

O contexto social e o espacial nos textos justificam o fato de

Em todos esses momentos, em todas essas circunstâncias, não posso dizer que estive sozinho, que estivesse refletindo sozinho, pois em pensamento eu situava neste ou naquele grupo, [...]. Outras pessoas tiveram essas lembranças em comum comigo. Mais do que isso, elas me ajudam a recordá-las e, para melhor me recordar, eu me volto para elas, por um instante adoto seu ponto de vista, entro em seu grupo, do qual continuo a fazer parte, pois experimento ainda sua influência e encontro em mim muitas das ideias e maneiras de pensar a que não me teria elevado sozinho, pelas quais permaneço em contato com elas. (HALBWACHS, 2013, p.31)

Isso porque a narrativa é uma forma de representação da realidade imediata para ajudar as coletividades a se situarem no mundo e na história, por intermédio das memórias coletivas e individuais responsáveis por concretizá-la, ou seja, a narrativa. Ela é a responsável por relatar aos outros, o que se passou, e aliado a ela, há uma grande importância da memória coletiva e histórica da sociedade na formação da identidade e da memória no indivíduo. A memória “ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, para produzir uma trajetória de vida [...]” (CANDAU, 2016, p. 16).

E ela, a memória, vai modelando o pensamento do narrador ao passo que o mesmo vai encontrando respostas para resolver seu drama, para poder tecer fios, lembranças que possam se encaixar nas reflexões do narrador para poder compreender de fato, em sua trajetória, quem ele seria, somadas as reflexões acerca das “âncoras sociais” (BAUMAN, 2005, p. 30) que o rodeiam.

Além disso, o processo de criação do narrador está vinculado à própria narrativa, pois ela está “presente em todos os tempos, [...] não há em parte

alguma povo algum sem narrativa, [...] a narrativa está aí, como a vida.” (BARTHES, 2008, p. p. 19-20). A partir dessa conceituação de que narrativa é comparada a vida e da definição de Silva (2009) de que não há narrativa sem o narratário, é notório ressaltar que nos romances E. J e D. I os pontos de vistas dos focos narrativos conseguem sobressair a todo o momento nos enredos em relação as outras personagens, embora o narrador de E. J seja descrito como um dos narradores memorialistas de Machado de Assis apontam a identificação entre sinceridade e encenação nos eventos que relatam, “aderem à hipocrisia quando lhes convêm.[...] são “realistas”, céticos e objetivos, [...] demonstrando o segundo nível, articulado pelas fraudes na representação, desafiador e desnorteante na leitura. (BETELLA, 2007, p. 47).

Esse pensamento também pode ser empregado para os narradores de Milton Hatoum. Isso se deve ao fato de na maioria dos narradores hatounianos, também exercerem a parcialidade, o ceticismo, apresentados no primeiro nível da descrição de Betella (2007), bem como os de representação quanto aos aspectos desafiador e desnorteador nas leituras, mesmo que os romances de Milton Hatoum tenham sido escritos na pós- modernidade⁶ literária. No entanto, pode-se beirar esta proximidade devido aos dois textos apresentarem traços que buscam “pelos laços de analogia, de parentesco e de influência, de aproximar a literatura [...], ou então os fatos e os textos literários entre si, para melhor descrevê-los, compreendê-los e saboreá-los.” (PICHOSIS & ROUSSEAU, 2011, p. 231).

Essa tarefa de comparação é atribuída, graças ao método da literatura comparada, o qual permite estreitar as relações fronteiriças entre os textos literários, não se preocupando “O quanto as obras possam ser antigas ou recentes. Mas, prontamente, deve-se admitir que, na prática, muitos, talvez a maioria, dos estudos de literatura comparada lidam mesmo é com os vultos literários do passado que alcançaram fama” (REMAK, 2011, p.197). Há uma multiplicidade de características semelhantes nas obras de Machado de Assis e

⁶ Neste estudo irá estudar o termo pós-modernidade, valendo-se da ideia proposta por Arthur Danto, que conceitua a pós-modernidade como um estilo artístico a partir de 1960. Segundo Danto o “moderno passou a parecer cada vez mais um estilo que floresceu de aproximadamente 1880 até 1960 a partir de então, tem-se o que se denomina pós-modernidade.” (DANTO, 2006, p.13).

Milton Hatoum, na qual se enfatiza a ideia de que esses dois elementos da narrativa, são os principais protagonistas de fato das duas narrativas tecidas por eles próprios. E, é dentro desta perspectiva que se retecerá mais uma vez os fios das memórias desses dois, já que “a memória é a faculdade primeira, que alimenta a identidade [...] sem suas lembranças, o sujeito é aniquilado” (CANDAUI, 2016, p.p. 16-17), para comprovar a importância dos narradores como também, protagonistas de seus próprios relatos.

3. Novos personagens protagonistas.

A personagem é um suporte indispensável para se fazer uma análise de um texto narrativo. Ela representa o elemento “que com mais nitidez torna patente a ficção, e através dela a camada imaginária se adensa e se cristaliza” (ROSENFELD, 2011, p. 21). Ela se configura como o cerne do processo narrativo, haja vista que “não existe no mundo uma única narrativa sem ‘personagens’, ou pelo menos sem ‘agentes’” (BARTHES, 2008, p.131). São portadoras de todo o percurso da história, por meio de suas ações, suas vestimentas, seus comportamentos, suas condições socioeconômicas, políticas, ideológicas e discursivas. Elas são elementos da ficção responsáveis por atribuir vida ao enredo, que só existe através das personagens, e elas vivem dentro dele, condição primordial para a existência de um texto narrativo, em especial neste estudo, os na forma de romance, dentro dele

A personagem vive o enredo e as ideias, e os torna vivos [...] A personagem é um ser fictício, — expressão que soa como um paradoxo. De fato, como pode uma ficção ser? Como pode existir o que não existe? No entanto, a criação literária repousa sobre este paradoxo, e o problema da verossimilhança no romance depende desta possibilidade de um ser fictício, isto é, algo que, sendo uma criação de fantasia, comunica a impressão da mais lídima verdade existencial. Podemos dizer, portanto, que o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste. (CANDIDO, 2011, p.p 54- 55)

Baseando-se em Candido, compreende-se que a partir da leitura dos dois romances escolhidos para este trabalho, esse paradoxo existencialista entre real e ficção é percebido de forma constante na construção de Aires e Nael, devido ao fato de a contextualização histórica do Brasil em várias e distintas épocas

estarem presentes na narrativa (real), bem como os aspectos ficcionais, próprios da linguagem transfigurada literária que comporta a maior parte das descrições das duas histórias.

Não obstante, por mais que a personagem seja um elemento da narrativa contraditório, ela é considerada o que mais consegue condensar e refletir os ideais de um relato de forma muito mais rápida, precisa, eficaz. Tal afirmativa comunga com o discurso defendido por Anatol Rosenfeld (2011), quando escreveu sobre a personagem, conceituando-a como o elemento narrativo que “realmente “constitui” a ficção” (ROSENFELD, 2011, p. 31). Isso explica o fato de Aires e Nael serem as personagens mais expressivas nas narrativas em que são apresentadas.

Em E. J, “ao que parece nem o narrador aguenta a chatice e a previsibilidade das ações dos protagonistas.” (BETELLA, 2007, p. 60), referindo-se aos irmãos Pedro e Paulo, semelhantemente, essa chatice em relação aos gêmeos, Yaqub e Omar de D. I, também ocorre, se não fosse a descrição e o moldar do enredo feito por Nael, a narrativa de D. I seria tão chata, corroborando Betella, quanto à de E. J. Esse enfado no enredo se dá pela espera da briga de fato entre os irmãos, como no próprio romance há referência, como na fala de Aires em: “- Esaú e Jacó brigaram no seio materno, isso é verdade. Conhece-se a causa do conflito. Quanto aos outros, dado que briguem também, tudo está em saber a causa do conflito.” (ASSIS, 2002, p. 40).

Ou em “– Tenho que jantar com um amigo, no Hotel dos Estrangeiros. Depois, talvez, ou amanhã. Vá, vá tranquilizar a baronesa e os rapazes. Os rapazes estarão em paz? Esses brigam, com certeza; vá pô-los em ordem” (Ibidem, p. 126) ou do perdão entre irmãos que poderia acontecer (salvo se intertextualize com o texto bíblico de fato)⁷, no Capítulo 36: A discórdia não é tão feia como se pinta, de E.J, em que os irmãos por um instante apresentam uma harmonia entre si, quando se referem à beleza de Flora. Entretanto, ao término da narrativa do mesmo capítulo, há o retorno à disputa enfadonha e sem graça dos irmãos: “Tal ou qual um impulso quis levá-los a discutir acerca do tempo e

⁷ Na História bíblica, Esaú perdoa Jacó como se percebe na passagem da Bíblia “E ele mesmo, passando adiante de todos, por sete vezes prostou-se por terra antes de abordar seu irmão. Mas Esaú, correndo ao seu encontro, tomou-o em seus braços, arrojou-se-lhe ao pescoço e, chorando, o beijou”. (GÊNESIS, 33. Vers. 3-4, 2013.).

da noite, [...] Algum murmúrio vago pode ser que lhes fizesse mover os beijos e começar a quebrar o silêncio, mas [...] concordaram em respeitá-lo” (Ibidem, p. 73).

Bem como ocorre com outras passagens do romance “Natividade, que tudo via a inimizade dos gêmeos, suspeitou que o intuito de Pedro fosse justamente comprometer Paulo” (Ibidem, p. 83), ou “A dor os fez amigos por instantes, é uma das vantagens dessa grande e nobre sensação” (Ibidem, p. 114), a ideia de briga não briga, perdoa ou não perdoa em E. J, é o que leva o romance, a ser considerado uma chatice, de acordo com Betella (2007), se não é a presença de Aires, o enredo praticamente não se fomenta.

Comparativamente a E. J, no enredo de D. I também se percebe uma monotonia em relação ao desenvolvimento da história de Yaqub e Omar. Isso se verifica a partir dos excertos “Os dois se olharam. Yaqub tomou a iniciativa: levantou-se, sorriu sem vontade e na face esquerda a cicatriz alterou-lhe a expressão. Não se abraçaram. [...] Os dois irmãos não se encararam.” (HATOUM, 2000, p. 24).

Ou em: “A cicatriz já começava a crescer no corpo de Yaqub. Não tornaram a falar um com o outro. [...] Yaqub, calado, matutava. Evitava falar com o outro. Desprezava-o? Remoía, mudo, a humilhação? (Ibidem, p. 28). Ainda em: “O duelo entre os gêmeos era uma centelha que prometia explodir. “Duelo? Melhor chamar de rivalidade, alguma coisa que não deu certo entre os gêmeos ou entre nós e eles”, (Ibidem, p. 62).

Ideias que trariam paz aos gêmeos quando Omar foi a São Paulo: “Desde que cheguei a São Paulo é a primeira vez que como com prazer. [...] Yaqub acreditava que a labuta, [...] e desespero da solidão seriam decisivos para a educação de Omar. (Ibidem, p.p. 108- 109).

A volta a suposta rivalidade, a briga, as ofensas, a qual a mãe dos gêmeos, Zana lamentava “Ainda assim, seria um sonho”, disse ela, amargurada. “o que posso fazer? Nossos filhos não se entendem...” [...] Ela temia um encontro dos filhos, uma explosão de insultos dentro de casa.” (Ibidem, p. 113), fazendo com que a enfadonha disputa chegasse às vias de fato, mas Zana não escondia seu desejo de ver o fim de toda essa rivalidade imprecisa entre os

filhos, “O que mais quero é paz entre os meus filhos. Quero ver vocês juntos, aqui em casa, perto de mim... Nem que seja por um dia”. (Ibidem, p. 224). Ainda há o excerto que constata o sonho da matriarca antes de morrer, “O seu grande sonho era ver os filhos reconciliados” (Ibidem, p.227). O que não vem a acontecer, pois em D. I, ocorre aquilo que não há em E. J de Machado de Assis, tão pouco, o que se passaria com os filhos de Rebeca e Isaac na História da Bíblia Cristã: os gêmeos em Milton Hatoum, concretizam a rivalidade em uma disputa física, quando Omar se sentiu traído pelo irmão, quando este negociou com Rochiram, um indiano interessado em investir no comércio em Manaus, que antes tinha negociado com Omar, depois contratou Yaqub, para construir um edifício para servir de espaços para as lojas comerciais, as quais modificariam o cenário comercial do centro da Zona Portuária de Manaus. Omar indignado e sentindo-se traído, vai tirar satisfações com o irmão e até que enfim, pronto: a briga!

Então eu o avistei mais alto que a cerca, o corpo crescendo, se agigantando, a mão direita fechada que nem martelo, o olhar alucinado no rosto irado. Arfava, apressando o passo. Quando gritei, Omar deu um salto, ergueu a rede e começou a socar Yaqub no rosto, nas costas, no corpo todo. Corri para cima do Caçula, tentando segurá-lo. Ele chutava e esmurrava o irmão, xingando de traidor, de covarde. Alguns moradores do cortiço encheram o quintal e se aproximavam do alpendre. Com um gesto brusco eu agarrei a mão do Omar. Ele se livrou de mim. Percebeu que estava cercado por vários homens e foi se afastando devagar, de olho na rede vermelha. Ainda o vi correr até a sala e rasgar com fúria as folhas do próprio projeto; rasgou todos os desenhos, jogou a louça no assoalho e desabalou pelo corredor. (HATOUM, 2000, p.p 233-234)

Entretanto, vai-se retornar a linha desta costura textual, para tecer comentários que ressaltam a importância ficcional de Aires e Nael enquanto protagonistas. Constata-se que entre as idas e as vindas, o leitor passa pelas linhas que costuram os 121 capítulos de E. J, pelos 12 que compõem D. I, e os desenlaces que culminariam ao clímax, conseqüentemente ao desfecho dos enredos, dá-se não ao final dos mesmos, mas, nas duas brigas entre os gêmeos em D. I, uma ocorrida na infância e outra na fase adulta; brigas físicas que não estimulam a história de forma determinante, a não ser a curiosidade de saber qual dos dois irmãos árabes seria o pai de Nael. No caso de D. I, Nael é a personagem que mais vive o enredo, tangenciando Candido (2011). Enquanto

em E. J, a briga que poderia ser política entre Pedro e Paulo, a intriga e a disputa entre os irmãos por uma mesma mulher, também não se cristaliza no dizer de Rosenfeld (2011), é o que se leva a afirmar que quem de fato, mais uma vez, dá vida ao enredo é Aires, com todas as suas decisões, descrições e opiniões.

Assim, considerando as definições de Candido (2011) quanto à caracterização que ele chamou de paradoxal, observa-se que Aires e Nael, também podem ser definidos de paradoxais, partindo-se da ideia de que no romance, eles assumem a dupla função de narrador- personagem-protagonista, eles são nos dois romances, portas-vozes e participantes diretos das realidades sociais presentes nos dois romances.

4. Considerações Finais

Diante das considerações realizadas, conclui-se que as personagens são o elemento da narrativa criado pelo escritor, adicionados aos espaços físicos ou psicológicos, nos quais ambientam suas ações e todos os demais acessórios. Todos os signos são importantes para o leitor visualizar, melhor compreender e apreciar a decifração de uma obra narrativa, além da análise dialógica, defendida por Anatol Rosenfeld (2011), como o caráter fictício das personagens, antes de tudo, deve ser compreendido como uma criação de linguagem, e não existe fora da mesma.

Outro fator que leva a condição de existência fundamental de uma personagem dentro de um discurso narrativo, depende do fato em que ela necessita estar inserida na história em que participa, tornando-se um elemento intratextual, “a personagem é autora de si mesma, apreende sua própria vida esteticamente, parece representar um papel.” (BAKHTIN, 2015, p. 18).

Além disso, há duas ponderações a serem discutidas, depois destas destecituras quanto à classificação de Aires e Nael enquanto serem puramente narradores destes romances. Diante do que foi exposto, vale ressaltar que eles também são personagens, não meramente codjuvantes, mas do ponto de vista de quem escreve, eles são também personagens-protagonistas, são esféricas, pois são “organizadas com maior complexidade e, em consequência, capazes de nos surpreender. A prova de uma personagem esférica é a sua capacidade de nos surpreender de maneira convincente.” (CANDIDO, 2011, p. 63).

Por apresentarem a todo momento graus de complexidades em sua análise, a exemplo do que se tem como objetivo estudar, desconstruir uma nomenclatura de narrador e reconstruir outra, além de narrador como personagem-protagonista dos romances, já é visível esta comprovação de Aires e Nael serem personagens esféricas e protagonistas.

Se partir da ideia de que personagem-protagonista ou herói, seria entendida como sendo uma personagem principal- ou herói protagonista “– representa, na estrutura dos actantes ou agentes que participam na ação narrativa, o núcleo ou o ponto cardeal por onde passam os vectores que configuram funcionalmente as outras personagens.” (SILVA, 2009, p.p 699-700).

Chega-se a compreender que Aires em E. J e Nael em D. I não exercem nos textos ações deuteragonistas, secundárias, pelo contrário, são duas personagens que representam o ponto cardeal de toda a narrativa. Os dois são quem configuram dentro das histórias, os vetores e os agentes narrativos mais importantes, até nos capítulos decisivos em que Paulo e Pedro deveriam tomar a frente das ações para resolver os possíveis problemas que seriam seus, como o relacionamento com Flora, as decisões políticas, os medos e as dúvidas, as ações diante do amor, da família, da política e da sociedade, não são tomadas por eles, mas pelo Conselheiro Aires, em E. J.

Também, postura semelhante de narrador- personagem e protagonista, assume Nael, já no livro D. I. Omar e Yaqub não se expressam de forma incisiva diante dos problemas da família, dos relacionamentos, não têm postura forte e heroica diante das adversidades e questões seja familiares, seja políticas; diferente de Nael, que por mais bastardo que seja, e sem status social na família e na casa dos árabes, torna-se agente da ação, semelhante a Aires.

Durante as leituras dos romances o que se lê, são páginas em que o leitor observa mais traços característicos de Aires e Nael quanto aos seus aspectos físicos e psicológicos- morais do que os dos gêmeos das duas narrativas. Não há, necessariamente, uma voz de um puro narrador do discurso nesses dois personagens.

Portanto, Aires e Nael não são meramente observadores das ações que se passam com as demais personagens. Os dois, configuram-se nos textos, mais como comentadores de suas próprias opiniões do que se preocupam com as das demais personagens, ou ainda, se fazem comentários das outras personagens, são também para expressar suas concepções diante do que estão vivendo. Isso pode ser comprovado em E. J, quando Aires se utiliza da fragilidade e da incerteza de Custódio para dar sua opinião sobre a questão da República iminente; assim como em D. I, Nael, ao se indignar diante dos maltratos de empregado doméstico, usa um exemplo de sua mãe, Domingas, quando vê a mesma sendo humilhada e maltratada, o que se observa: Aires por mais que fosse atraído pelas novas ideias políticas, propagadas pelos republicanos, não poderia se manifestar publicamente, devido a ter um cargo ainda oriundo do governo imperial; Nael, por mais indignado que ficasse com sua condição de empregado, mesmo sendo neto da casa onde trabalhava, não podia manifestar sua revolta, para não prejudicar sua mãe e nem desagradar o avô. Tanto Nael, quanto Aires, traçaram comentários de outros personagens para, de fato, representar os seus. Já em D. I, o próprio narrador- personagem é quem justifica que o foco das atenções consistirá em todos os seus relatos e de suas conclusões.

Logo, mediante a essas derradeiras considerações, mas com premissas para outras por se tratar de uma análise de romances literários, afirma-se que em frente a todos os conceitos empregados, coadunam para que o título dessa investigação, os objetivos pretendidos sejam comprovados de que a voz do narrador através da memorização da memória são portas- vozes de suas próprias vozes, em busca de ao final redigirem a escrita de sua própria identidade, por este motivo, vai agora retecer eles (Aires e Nael) como não só, narradores dos romances, mas também, como protagonistas dos mesmos.

Referências

ASSIS, Machado de. *Esau e Jacó*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

BARTHES, Roland. Introdução à análise estrutural da narrativa. In: *Análise estrutural da narrativa*. Trad. Maria Zélia Barbosa Pinto. Rio de Janeiro: Vozes, 2008. (p.p. 19-62.)

- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. 6ª Ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2015.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. In: *Magia, técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 8ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2012. (Obras escolhidas; v.1). (p.p. 213- 240).
- BETELLA, Gabriela Kvacek. *Narradores de Machado de Assis*. São Paulo: Edusp/ Nankin, 2007.
- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 43ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: *A personagem de Ficção*. 12ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2011. (p. p 51- 79).
- CANDAU, Joël. *Memória e Identidade*. São Paulo: Contexto, 2016.
- DANTO, Arthur C. *Após o fim da arte. A arte contemporânea e os limites da História*. Trad. Saulo Krieger. São Paulo: Odysseus Editora, 2006.
- GORGULHO, Gilberto da Silva; STORNILO, Ivo; ANDERSON, Ana Flora. (Orgs). *BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revisitada e ampliada*. 9ª reimpr. São Paulo: Paulus, 2013.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. 2ª ed. 7ª reimpr. São Paulo: Centauro, 2013.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomáz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro 11ª ed. Rio de Janeiro: DP &A, 2006.
- HATOUM, Milton. *Dois Irmãos*. São Paulo. Cia das Letras, 2000.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. *Análise Crítica da Narrativa*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2013.
- PICHOIS, Claude & ROUSSEAU, André M. Para uma Definição de Literatura Comparada. Trad. Monique Balbuena. In: CARVALHAL, Tania Franco; COUTINHO, Eduardo de Faria (Orgs). *Literatura Comparada. Textos Fundadores*. 2ª ed. São Paulo: Rocco, 2011. (p.p 230-233).
- REMAK, Henry H. H. Literatura Comparada: Definição e função. Trad. Monique Balbuena. In: CARVALHAL, Tania Franco; COUTINHO, Eduardo de Faria (Orgs). *Literatura Comparada. Textos Fundadores*. 2ª ed. São Paulo: Rocco, 2011. (p.p 189-205).
- ROSENFELD, Anatol. Literatura e personagem. In: CANDIDO, Antonio (Org.). *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2011. (p.p. 9-49).
- SILVA, Vitor Manuel de Aguiar. *Teoria Literária*. 8ª ed. Coimbra: Almedina, 2009.